

Andanças em São Paulo das Missões e as memórias de mulheres migrantes retornadas do Paraguai.

Wanderings in São Paulo das Missões and the memories of migrant women returning from Paraguay

Vanucia Gnoatto¹

Resumo: O presente artigo busca analisar as memórias de mulheres migrantes retornadas do Paraguai residentes em São Paulo das Missões, na região missioneira do Rio Grande do Sul e fronteira com a Argentina. Trata-se de um trabalho que metodologicamente se pauta na história oral realizada com três entrevistadas e na observação participante, através de trabalho de campo realizado em abril de 2023. Em um primeiro momento, trataremos das questões de memória vinculadas à migração de mulheres. Segue-se com base nas memórias da experiência realizada em trabalho em loco e literatura sobre o tema contextualizando geohistoricamente o município. Na terceira parte do texto analisaremos as histórias de vidas das migrantes retornadas do Paraguai, partindo dos fragmentos de memórias trazidos por estas. Conclui-se, com base nos relatos, que o retorno possibilitou diferentes e novas situações de vida, havendo uma mudança de papéis tradicionalmente atribuídos às mulheres, ao rompimento de relação abusiva afetiva e à oportunidade de melhorar de vida. É importante mencionar também a importância das redes familiares nos processos migratórios. Além disso, as memórias de nossas entrevistadas sobre suas experiências migratórias e as nossas memórias a partir do trabalho de campo nos levam a compreender a importância dos estudos migratórios sobre mulheres migrantes.

Palavras-chave: Paraguai. São Paulo das Missões. Memória. Migração de Retorno. Mulheres.

*“Vou voltar na primavera
Era tudo que eu queria
Levo terra nova daqui”.*
(Kleiton e Kledir)

Introdução:

O presente trabalho objetiva analisar as memórias de mulheres retornadas do Paraguai residentes em São Paulo das Missões, na região missioneira do estado do Rio Grande do Sul, sendo que o recorte espacial abrange o Departamento de Itapúa, no Paraguai, e o município supracitado. Já o recorte temporal contempla o período de emigração ao Paraguai até 2023, quando finalizamos as entrevistas².

Metodologicamente, adotamos entrevistas na modalidade de história de vida e observação participante, através de trabalho de campo e entrevistas *online*, realizadas em agosto de 2021 e abril de 2023. Quanto à história oral de vida, essa possibilita uma narrativa mais livre, em que o entrevistado não fica fixo em respostas objetivas, podendo ir mais além em sua narrativa, em que o essencial é a subjetividade.

A história oral de vida se espalha nas construções narrativas que apenas se inspiram em fatos, mas vão além, admitindo fantasias, delírios, silêncios, omissões e distorções [...] Por que as histórias de vida são decorrentes de narrativas e estas dependem da memória, dos ajeites, contornos, derivações, imprecisões e

¹ Doutoranda em História Regional pela Universidade de Passo Fundo, bolsista Proscap, sob orientação da profa. Dra. Jacqueline Ahlert e coorientação do Prof. Dr. João Carlos Tedesco. Mestre em História Regional pela Universidade de Passo Fundo, Licenciada em História pela Universidade de Passo Fundo.

² As entrevistas fazem parte de uma pesquisa maior para a nossa Tese de Doutorado em História, ainda em andamento

até das contradições naturais da fala. Isso talha a essência subjetiva da história oral de vida (MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 34-35).

Conforme Portelli, cada história que escutamos é única, nenhuma história se repete duas vezes do mesmo jeito. No momento em que se escuta a narrativa,

la senda del investigador se cruza con la del informante en momentos erráticos; la historia de vida que se recopila es el resultado de un acontecimiento casual (claro que el investigador puede haber planeado la entrevista, pero el informante no [...] no importa lo mucho que podamos decir que somos historiadores "orales"; la tecnología misma de nuestro trabajo consiste en transformar la palabra hablada en escrita, en congelar un material fluido en un punto arbitrario del tiempo (PORTELLI, 1981, p. 3- 5).

Ao todo, são três trajetórias migratórias analisadas, cujos nomes das entrevistas são fictícios, visando assegurar ainda mais a proteção da identidade das colaboradoras. A primeira entrevistada reside no centro do município, é adulta, natural do município, proprietária de um açougue e sua entrevista se deu de forma *online* devido à pandemia do SARS-CoV-2, causador do coronavírus. A segunda entrevistada reside no centro, é idosa, natural do município, sendo a entrevista realizada de forma presencial. A terceira entrevistada é adulta, natural de Mirim Docê/SC, agricultora, residente no interior do município, sendo sua entrevista realizada de forma *online* pela impossibilidade de deslocamento durante a pesquisa de campo.

As três entrevistadas, embora tenham vivido muito próximas em distritos do Departamento de Itapúa no Paraguai, possuem histórias de vida bastante distintas, em especial quanto às suas migrações de retorno. Para estas mulheres, a migração de retorno e a fixação em São Paulo das Missões trouxeram outros desafios, conquistas, mudança de papéis, o fim de relacionamento abusivo, demonstrando o quanto as mulheres são protagonistas de seus processos migratórios.

Para Tedeschi (2009), na história oral com as mulheres, observa-se que elas têm “habilidades, arte própria de desenvolver a memória, não lembrando uma ou outra imagem, mas evocam, dão voz, fazem falar, dizem de novo o conteúdo de suas vivências”. Quando narram “elas estão vivendo atualmente e com uma intensidade nova a sua experiência”. Assim, “a memória e a conservação de si própria emergem nos relatos” (TEDESCHI, 2009, p. 179). Os seus relatos são permeados por subjetividades que nos mostram outras perspectivas sobre os processos migratórios e a complexidade do ato que leva à saída do lugar de origem, estabelecimento no lugar de destino e de retorno.

Todo sujeito emigrante de seu país de origem torna-se imigrante em outro país (SAYAD, 1998) de destino. Este carrega consigo o desejo pelo retorno que, por sua vez, é o elemento constitutivo de sua condição de imigrante (SAYAD, 2000). O retorno tem impacto na relação do migrante com o tempo, o espaço e o grupo.

Uma relação com o tempo, o tempo de ontem e o tempo do futuro, a representação de uma projeção do outro, sendo estritamente dependentes do domínio que se tem do tempo presente, isto é, do tempo cotidiano da migração; uma relação com a terra em todas as suas formas e valores, inicialmente em suas dimensões físicas e geográficas e, em seguida, em suma apenas metáfora do espaço social; uma relação com o grupo, aquele que se deixou fisicamente, mas que continua a carregar de uma maneira ou outra, e aquele no qual é preciso se impor, aprender a conhecer e dominar (SAYAD, 2000, p. 12).

Ou seja, o retorno ao espaço físico de origem para o imigrante até é possível, mas este jamais encontrará o mesmo espaço deixado naquele tempo e com as mesmas relações sociais que possuía, pois este lugar mudou e imigrante também mudou. Nesse sentido, nossas entrevistadas, em suas falas, mostram o estranhamento desse lugar de origem ao retornar e como tiveram que ir construindo novas relações nesse espaço.

Quanto à presença feminina na migração, segundo Tedesco (2022), existem vários trabalhos que apontam estratégias e causalidades diferentes de homens e mulheres, na maioria das vezes, ligando a mulher a motivações afetivas e familiares que a leva ao deslocamento e não tanto por motivações econômicas, embora esta questão esteja permeando o deslocamento. Nota-se que as mulheres sempre migraram ao longo da história e com mais intensidade no contexto atual. “Algo que perdura nessa longa trajetória é a sua pouca visibilidade e a seqüente representação de um sujeito auxiliar, que vai *junto*, como dependente, ou, então, depois, quando a estrada já está aberta” (TEDESCO, 2012, p.115).

No processo migratório, segundo Bassanezi (2013), “independentemente dos contextos de origem e de destino, do momento da partida ou da chegada, a vida da mulher migrante, pelo menos nos primeiros tempos no país de adoção, é sempre muito difícil”. Dificuldades que também podem ser vivenciadas no retorno, para umas mais, para outras menos, e que envolvem “muito trabalho, inúmeras perdas, e nem sempre traz compensações. Algumas das vivências relacionadas a migração chegam a ser comuns a todas as mulheres, outras são específicas a grupos e indivíduos; várias permanecem no decorrer do tempo, outras com ele se transformam ou desaparecem” (BASSANEZI, 2013, p. 175).

Nos relatos a seguir, pelos fragmentos de lembranças trazidas pelas entrevistadas, são as mulheres que tomam a iniciativa de retornar, persuadindo os esposos, rompendo com relacionamento abusivo, assumindo as consequências dos processos migratórios, em especial, nas migrações de retorno para o Brasil e para São Paulo das Missões, lugar de origem da maioria.

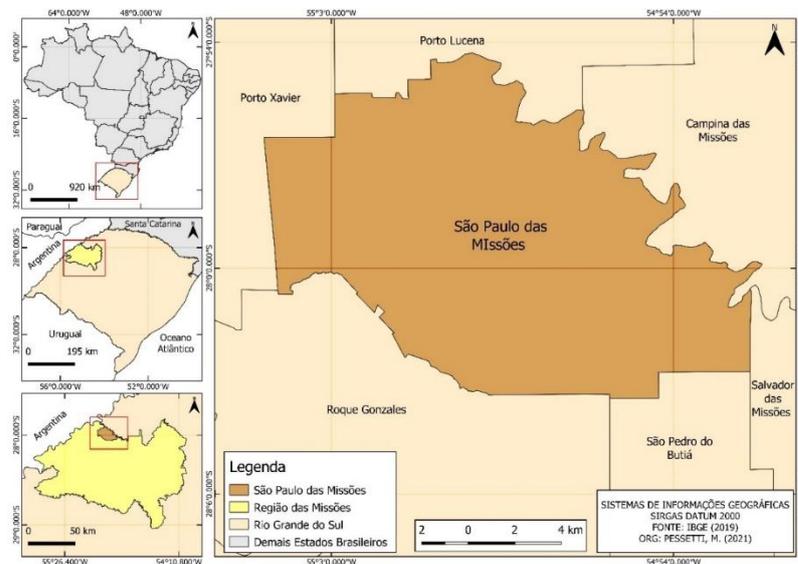
O percurso, afetos e histórias de vida de mulheres...

Em uma madrugada de abril de 2023, pegamos na rodoviária de Carazinho/RS, o ônibus para nos dirigirmos ao pequeno município de São Paulo das Missões. Após longa espera, o ônibus chegou, porém nossa poltrona estava ocupada e não restava mais nenhum banco para

dormir, pelo menos algumas horas antes de iniciarmos nosso trabalho de campo. Após reclamação feita ao motorista e deste para seus superiores, como alternativa, restou seguirmos a viagem sentada nos degraus da cabine do motorista até poder vagar um assento. Durante o caminho, com um céu estrelado à nossa frente, entre conversar para amenizar o sono com o motorista, descobrimos que esse era natural do município em que faríamos a pesquisa. A partir desse momento, nossa curiosidade aumentou e passamos parte do caminho dialogando sobre a emigração de paulistas das missões ao Paraguai e seus retornos, e as relações estabelecidas entre os dois países por esses sujeitos.

O pequeno município na região missioneira também é fronteiro com a Argentina, o que ajuda a entender a existência de fortes redes transnacionais entre imigrantes e não imigrantes, como no caso de nosso interlocutor, pelo curto espaço de tempo para cruzar a fronteira com a Argentina e ingressar no Paraguai ou vice-versa, o que possibilita uma interação em festas culturais e familiares entre os dois países. A seguir, é apresentado o mapa do Município de São Paulo das Missões.

Mapa do Município de São Paulo das Missões (2019)



Fonte: PESSETTI (2021).

O contexto histórico de surgimento de São Paulo das Missões, segundo Ramos (2006), se dá no ano de 1912, através de um grupo pequeno “de colonizadores alemães, vindos da “Colônia Velha”, ou seja, das proximidades de São Leopoldo e Novo Hamburgo, e da região de Santa Cruz do Sul, Estrela e Lageado”. Estes tinham comprado terras “em forma de “Colônias”, de área de 25 hectares, do “Volksverein”, União Popular, entidade cooperativa que promoveu a colonização nesta região” (RAMOS, 2006, p. 92).

Nas “colônias velhas”, as famílias eram cada vez mais numerosas e, por isso, encontravam dificuldades para permanecer em poucas terras, forçando um processo migratório denominado por Roche (1969) de “enxamagem”. O autor ainda demonstra a presença de quatro fases do processo migratório em que imigrantes e descendentes de alemães estavam envolvidos. A primeira, até 1850, seria aquela em que os imigrantes europeus, mais especificamente os imigrantes alemães, se instalaram no estado. A segunda fase, que vai de 1850 a 1890, seria a marcha para o oeste de São Leopoldo, rumo à região do vale do rio Caí. A terceira fase ocorreu a partir de 1890, na região do planalto, mais especificamente nas colônias públicas e privadas (ROCHE, 1969). Fase em que se dá a migração para a região da qual o município de São Paulo das Missões faz parte.

Segundo o site da prefeitura municipal, no ano de 1965, o distrito torna-se município de São Paulo das Missões, conhecido como “Cantão Suíço das Missões”, por sua semelhança geográfica com a Suíça, um município em que as culturas alemã e gaúcha se fazem muito presentes e, por isso, possui inúmeros eventos nos quais as mesmas são cultivadas” (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO DAS MISSÕES, 2013). Entre os eventos, estão os bailes de kerb, o qual é muito reconhecido na região. Para Spies (2007, p. 47), “para fortalecer esta cultura, São Paulo das Missões, através da KERBFEST, passou a comemorar esta importante data, tendo como principais objetivos: Resgatar a cultura do Kerb; Reencontro da família paulistana; Reviver e cultivar as tradições alemãs”.

A principal atividade econômica do município é a atividade agrícola, como a produção de grãos, atividade leiteira, granja de suínos, além das pequenas agroindústrias de hortifruti. O município é também conhecido por ser “amigo do idoso”, pelos cuidados destinados a estes e pelo percentual elevado de população nesta faixa etária. Quanto ao grupo dessa faixa etária, segundo o Observatório RS, o município de São Paulo das Missões contou, em 2022, com uma população de 5.643 habitantes, sendo que destes, 1.660 eram idosos, o que representa 29,5% da população, número bastante expressivo.

Quanto à emigração de brasileiros ao Paraguai, a atividade agrícola a partir da segunda metade do século XX, se dá num contexto de aproximação geopolítica entre Paraguai e Brasil, com acordos e obras, como a Usina Hidrelétrica de Itaipu. Isso ocorre em um momento em que principalmente a região Sul do Brasil estava passando por um processo de modernização no campo, que levou à expulsão de muitos pequenos agricultores do campo, que em parte buscou outras fronteiras agrícolas, como o leste do Paraguai, país que visava a modernização agrícola seguindo os modelos do sul do Brasil (ALBUQUERQUE, 2005; BALLER, 2014).

Além disso, a construção da Itaipu foi um fator que teve influência na emigração para o país vizinho (ZAAR, 2000). Embora a questão política tenha tido importância significativa para a emigração, ela não é a única. Pois anterior a esse momento todo, havia um processo de migrações espontâneas ocorrendo em várias fronteiras agrícolas devido à grande concentração de terras (BALLER, 2014). O fracionamento das pequenas propriedades que, por sua vez, eram de famílias numerosas, leva ao êxodo rural ou à migração para outras fronteiras agrícolas (SALES, 1996).

Nos casos que analisamos na sequência, percebemos que todas as nossas entrevistadas emigraram dentro de um contexto agrícola que não lhes era favorável à permanência, dedicando parte de suas vidas à atividade agrícola e de serviços no Paraguai, e encontrando novas possibilidades para melhorar de vida com o retorno.

Durante o percurso, paramos na rodoviária de Ijuí e ficamos impressionadas pela quantidade de indígenas dormindo no chão da rodoviária em uma manhã fria de outono, cena que, segundo o motorista do ônibus, se repete cotidianamente. Numa região marcada historicamente pela presença indígena e reduções jesuíticas com o processo de colonização e ocupação das terras, estes passaram a ser migrantes em suas próprias terras. Com o desembarque de alguns passageiros, encontramos em um banco a possibilidade de dormir por duas horas até nosso destino final.

Ao chegar na parte urbana do município, logo nos chamou a atenção a forte presença de descendentes de imigrantes alemães e pomeranos, e a utilização da língua de origem destes. Realizamos uma entrevista com o professor responsável pela biblioteca pública municipal João XXIII. Este possui um grande conhecimento sobre a emigração de munícipes de São Paulo das Missões para o Paraguai e da migração de retorno.

Após a entrevista, aproveitamos, com a autorização da prefeitura municipal, para tirar algumas fotos de prédios e espaços públicos, tomando conhecimento quanto à parte urbana do município. A seguir, tem-se a foto da praça municipal, que nos encantou pela sua beleza e diversidade de espécies de árvores. O local é o ponto de encontro da população do município e de concentração de muitas pessoas de idade, principalmente quando do recebimento da aposentadoria.

Praça 6 de Maio, São Paulo das Missões (2023)



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).

Ao meio-dia, fomos para a casa da amiga e colega Mestranda do PPGH/UPF, que iria nos acolher durante os dias da pesquisa de campo. Nesse período, tivemos a oportunidade de conhecer um pouco do interior do município, realizar várias entrevistas, conhecer pessoalmente nossas entrevistadas que colaboraram com a primeira etapa de nossa pesquisa, visitar o Oratório de Nossa Senhora, na Vila Pinheiro Machado, na parte rural do município e conhecer o vasto acervo de imagens de Nossa Senhora. O espaço conta com uma diversidade de imagens de denominações do Brasil e do mundo. A seguir, é apresentada a imagem de Nossa Senhora Gaúcha do Mate, que faz referência ao Rio Grande do Sul, doada por um visitante residente em Toledo/PR, o que nos leva a deduzir o quanto a migração e e/imigração são questões que fazem parte do município missioneiro, já que este visitante possivelmente possa ser natural do município.

Nossa Senhora Gaúcha do Mate, Oratório de Nossa Senhora



Fonte: Acervo da autora (2023).

Nesse sentido, dentre as histórias de imigrantes, centramos nosso trabalho naquelas que um dia foram e retornaram do Paraguai. Aqui, no caso, da Beatriz, Sônia e Marta, que gentilmente compartilharam suas memórias de migrantes retornadas.

“Foi a melhor decisão que nós podíamos tomar”: o retorno bem-sucedido de Beatriz

Ainda no primeiro dia de pesquisa, já na parte da tarde, fomos conhecer pessoalmente Beatriz, entrevistada de forma *online* no período da pandemia. Esta, uma de suas filhas e o esposo nos receberam com um chimarrão e um bolo recém feito. A visita a Beatriz articulou nossas outras duas entrevistas, uma com Sônia, residente na cidade, e outra com Marta, moradora de uma localidade do interior.

Beatriz emigrou ainda criança com os pais e irmãos, no ano de 1989, para Naranjito, distrito do Departamento de Itapúa. Na emigração, a presença de uma tia em Santa Inês motivou a compra de terras pelos seus pais na mesma localidade. Ali nossa entrevistada estudou, cresceu, casou-se com imigrante conterrâneo de sua terra natal e teve quatro filhos. Porém, a vida do casal não era nada fácil.

Como afirma Beatriz, “a gente pulou muito de galho em galho lá [Paraguai]”. Na grande parte dos anos em que viveram no aluguel, não tinham um trabalho estável e, com isso,

enfrentavam muitas dificuldades. Circularam por vários lugares em busca de oportunidades. Os dois emigraram com seus pais em busca de terras no Paraguai, mas não conseguiram permanecer no campo por não possuírem muito recursos. Pelas dificuldades vivenciadas no Paraguai, desejavam retornar pra o Brasil e faziam planos para isso. Seus pais já haviam retornado por questão de saúde e seu sogro havia prometido fazer uma casinha para que eles voltassem. Porém, o retorno somente se deu quando houve uma informação trazida pela rede familiar quando já estavam estabilizados no Paraguai.

Com muito custo já estavam residindo em uma casa própria, quando surgiu uma oportunidade para retornar.

Foi assim: a irmã dele foi para lá nos visitar no Dia do Gaúcho. Ela largou essa que tinha esse açougue ali para alugar. Eu fui insistindo para ele ligar, ficou de ligarmos para cá. O fiz ligar duas, três vezes para cá até que deu certo para conseguirmos contato com o homem. Viemos olhar [pausa], gostei e ele também gostou [...]. Foi a melhor decisão que podíamos tomar [...]. Ficamos sabendo desse lugar em setembro e em novembro já voltamos (Beatriz, São Paulo das Missões, *online*, ago. 2021).

Vemos, nesse caso, que é a mulher a articular o retorno, insistindo para que seu esposo fosse averiguar a informação de oportunidade de negócio. Assim, a oportunidade e vida melhor aconteceram somente após o retorno para São Paulo das Missões, onde alugaram um açougue, que com o tempo foi adquirido. Algo do qual as redes tiveram importância fundamental. Quanto às redes:

[...] são as redes de relações sociais que formam parte, e que controem e que estruturam as oportunidades. É nesse sentido que certas oportunidades estão socialmente determinadas [...]. A análise da composição das redes e de suas formas se torna o ponto central porque nos parece a chave explicativa. Em efeito, são esses elementos que abrem e fecham o acesso às oportunidades (RAMELLA, 1995, p. 21 apud SAQUET; MONDARDO, 2008, p. 123).

O retorno aconteceu de forma muito rápida. Após essa iniciativa de Beatriz para retornar, o medo começou a se manifestar, pois estariam deixando o certo para se lançarem ao novo. A decisão era arriscada, pois o casal teve que vender a casa no Paraguai que, com muito custo, conseguiram comprar e voltar com três crianças pequenas. Segundo a entrevistada, o retorno da família também era visto com muito medo e preocupação tanto pela sua mãe como pela sua sogra. Porém, como Beatriz afirma: “Aconteceu a oportunidade aqui”. Ou seja, o que tanto buscaram no Paraguai encontraram na terra natal. Assim, a decisão de retornar foi acertada.

No caso de Beatriz, vemos a presença de uma rede familiar transnacional que levou seus pais e irmãos a emigrarem ao Paraguai e uma rede também familiar transnacional que levou esta, esposo e filhos a retornarem para São Paulo das Missões no Rio Grande do Sul, no ano de 2009, município da região missioneira, próximo à Argentina. Nas duas emigrações,

vemos que as redes asseguram oportunidade tanto de terras como de investimento e possibilitam o auxílio mutuo no recomeço no lugar de origem que passou a ser lugar do retorno (ROMEU, 2015).

“Eu vim pra cá de mala e cuia...não tinha nada”: o retorno e recomeço de Sônia

No outro dia, pela parte da manhã, aproveitamos a bela e arborizada praça municipal 6 de Maio para realizarmos anotações de nosso trabalho de campo. Após, tendo uma bonita e ensolarada manhã, caminhamos por algumas ruas centrais para conhecer ainda mais a cidade. No horário marcado, chegamos na casa de Sônia, que já nos aguardava com um chimarrão e chocolates. A entrevistada, um pouco receosa, queria saber qual era a finalidade de nossa pesquisa. Após explicarmos com mais detalhes do que se tratava e apresentarmos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), Sônia consentiu em nos relatar um pouco da sua história de vida. O seu receio se justifica pela história de vida triste vivida por ela no Paraguai.

Sônia e o esposo emigram ao Paraguai atraídos pelas propostas de um familiar do esposo que arrendaria terras ao casal, na Colônia Nova Mercedes, distrito de Maria Auxiliadora, Departamento de Itapúa. Alguns anos depois, o casal adquiriu suas terras. Porém, o marido de Sônia passou a beber, tornando a vida da família e desta muito difícil. A família foi perdendo tudo e Sônia não via mais o dinheiro, fruto do seu trabalho. Com quatro filhos para criar praticamente sozinha, o seu dia a dia de trabalho no interior é assim resumido:

Nós tínhamos vaca, nós fazíamos queijo, eu às vezes fazia 30 quilos de queijo por semana. Eu fazia o meu rancho, o queijeiro passava lá em casa, na frente de casa, ele tinha de tudo que era mercadoria [...] eu comprava tudo, não precisava sair [...]. Eu, às vezes, para mim o domingo era que nem um dia de semana. A gente não tinha luz elétrica. A gente às vezes ficava o domingo lavando roupa, fazendo isso, fazendo aquilo [...]. Nem percebia que era domingo (Sônia, São Paulo das Missões, abr. 2023).

O marido de Sônia a mantinha cada vez mais submissa, desrespeitando-a e aos seus filhos. Esta não tinha mais vida social, pois todas as obrigações com o cuidado e na manutenção da renda da família ficavam sob a sua responsabilidade. Nossa entrevistada vivia várias formas de violência da parte de seu marido. Conforme Segato (2003, p. 115), a violência moral, sofrida por Sônia, “es todo aquello que envuelve agresión emocional, aunque no sea ni conciente ni deliberada. Entran aqui la ridicularización, la coacción moral, la sospecha, la intimidación, na condenación de la sexualidad, la desvalorización cotidiana de la mujer como persona”. Quanto a algumas atitudes do marido, Sônia afirma que:

Saía a hora que queria e voltava a hora que queria [...]. Não se preocupava. Ele sabia que a gente iria fazer o serviço. Quando ele vinha para casa bêbado, comia alguma coisa e ia dormir. Foi horrível! Foi horrível! Eu fiquei muito triste. Não quero lembrar muito do passado (Sônia, São Paulo das Missões, abr. 2023).

A família foi perdendo tudo, chegando ao ponto de migrarem para o distrito de Santa Rita, no Departamento de Alto Paraná, onde compraram um pequeno terreno e casa. Para ajudar no sustento da casa Sônia trabalhava como diarista e auxiliava no marido nos trabalhos que este conseguiu limpando jardins particulares. Aqui também Sônia não via a cor do dinheiro, gasto pelo marido inclusive com outras mulheres.

Diante dessa situação os irmãos de nossa entrevistada sabendo da situação em que esta se encontrava se organizam para buscar a mesma e traze-la de volta para São Paulo das Missões. Terminando com o casamento de 25 anos. Como afirma Sônia: “A minha irmã mais velha e o marido dela eles pagaram um senhor, os irmãos juntaram dinheiro e vieram me buscar. Mas foi difícil [choro]. Foi a coisa mais difícil que eu fiz...” (Sônia, São Paulo das Missões, abr. 2023).

Nesse contexto, esta pode encontrar uma rede de apoio que a retirou a força do Paraguai para que esta se libertasse e pudesse ter uma vida melhor. De acordo com Santos (2021, p. 73), “a rede forma um espaço social onde é tecida uma variabilidade de ações intersubjetivas, como relações de poder, conflito, consenso, força, dissenso e sentimento de solidariedade e compaixão”.

Ao retornar, passou a cuidar de sua saúde e melhorar o seu estado emocional, trabalhou como cuidadora de idosas, residindo junto com estas. Cuidou de três idosas, como esta afirma muito calmas e queridas, até que elas falecessem. Quando voltou em 2012, ela afirma que foi muito difícil no começo pois não conhecia mais ninguém, não tinha contato com os filhos que estavam no Paraguai pelo fato de não ter internet ou telefone naquela época. Os seus irmãos buscando ajudá-las levavam estas para os bailes da Terceira Idade, muito frequentes no município. Depois de um longo período para tentar superar tudo o que viveu esta foi fazendo amizades, participando de festividades frequentes no município. No fim de sua entrevista a mesma mostrava a ansiedade pela visita dos filhos programada para o fim daquele ano.

“Aqui eu saio todo dia”: Marta e a mudança de papéis no retorno

A terceira entrevistada é Marta. Devido à falta de transporte até a casa desta, propusemos uma entrevista de forma *online*, por meio de videochamada pelo *WhatsApp*, a qual prontamente e gentilmente aceitou. Natural de Mirim Docê, Santa Catarina, Marta emigrou com os seus pais e irmão para o Paraguai, com sete anos, em Los Cedros 1, distrito do Departamento de Itapúa, Paraguai, no ano 1978, onde o seu pai havia adquirido terras.

Os seus pais, sentindo a necessidade de que a filha estudasse, enviaram Marta de volta para o município natal a fim de que esta pudesse estudar e ficar sobre a proteção de seus familiares. Por quatro anos Marta viveu e estudou longe de seus pais. No período das férias

escolares seu pai buscava Marta e mais outras duas filhas para que estas ajudassem a trabalhar na plantação de menta da família. Quando nasceu o caçula de seus irmãos, o filho “temporão”, nossa entrevistada teve que parar de estudar para passar a cuidar do bebê e retornar ao Paraguai. Como afirma: “eu queria muito ter estudado, mas ele não deixou e eu nem me queixei. Era o que o pai queria” (Marta, São Paulo das Missões, *online*, abr. 2023).

Entre perdas, dores e alegrias, Marta se casou e teve quatro filhos. No ano de 2011, a família retornou para o Brasil e se estabeleceu em São Paulo das Missões, lugar de onde o seu marido era natural. Entre as motivações, estava a dificuldade com as estradas do interior, a distância das escolas, a insegurança com as constantes invasões dos camponeses em terras dos vizinhos e a falta de luz frequente após dias de chuva. Mas o principal motivo que fez a família retornar é exposto a seguir por Marta:

Para dar a possibilidade de os filhos escolherem alguma coisa para eles [...] eu morei no Paraguai, mas não fui eu quem escolhi, não que eu não gostasse, eu não gostava [...]. Eu tinha que pensar pelos filhos. Era longe para os filhos estudar [...]. Eu via todos aqueles rapazes e moças que acabavam de estudar ali, não estudando mais [...]. Dar a possibilidade de eles escolherem o que eles queriam. Porque lá não tinha o que escolher (Marta, São Paulo das Missões, *online*, abr. 2023).

Para Assis, quanto à partida, “a escolha de quem vai migrar, os motivos da migração, a permanência ou o retorno ocorre articulado em uma rede de relações que envolvem gênero, parentesco e geração” (2007, p. 751). Marta queria que os seus filhos tivessem a possibilidade de escolher qual caminho dariam para sua vida, algo que ela, quando criança, foi impedida de fazer, pois seu pai não deixou que seguisse os seus estudos e a forçou a ir ao Paraguai. Vemos que aqui no retorno é a mulher quem toma a iniciativa visando o melhor para os seus filhos.

Ao retornar, alugaram uma casa e uma pequena área de terra para ver se iriam se adaptar ao novo lugar. Nos primeiros tempos, Marta afirma ter estranhado um pouco a nova realidade encontrada.

Eu estranhei mais, porque aqui tem muito alemão que fala alemão e eu não falo [...]. Todo mundo fala. Daí eles me olham e acham que eu deveria saber [...]. No começo era bem estranho, a gente ia no clube e dava aquelas rodas de pessoas e eles esqueciam. Só falavam em alemão (Marta, São Paulo das Missões, *online*, abr. 2023).

Após constatarem que era possível seguir vivendo ali, venderam aos poucos o que tinham no Paraguai e começaram a investir no interior do município, tendo atualmente, além da atividade agrícola, duas granjas de 2.000 suínos administradas por Marta. Aqui nota-se uma mudança de papéis, pois nossa entrevistada passa a cuidar de toda a parte burocrática e administrativa da propriedade da família.

Lá no Paraguai, era o marido que fazia os negócios, coisa de banco e essas coisas de custeio [...]. Daí eu [aqui] comecei. Ele não tinha paciência de ficar esperando a vez no banco e aí começou a mandar eu devagarinho. E hoje é eu que cuido de toda essa parte (Marta, São Paulo das Missões, *online*, abr. 2023).

Marta desejava muito seguir os seus estudos. Assim, passou e estudar no NEJA, em Santa Rosa, onde cursou até o Ensino Médio. A faculdade ainda está nos planos e sonhos de nossa entrevistada. Comparando a sua vida no Paraguai com a que tem agora, Marta afirma que:

Lá eu ficava bastante em casa, às vezes por 15 dias eu não saía. Aqui eu saio todo dia e às vezes o dia não tem hora que chega. Mas eu tenho sempre uma coisa que é para mim, sabe? Na minha semana, eu vou na academia sempre. Isso já faz 10 anos. Esse é o meu momento de botar para fora. Eu acho que essa é uma válvula de escape muito boa para mim. Ali eu esqueço os problemas, os rolos, as coisas para resolver. Eu deixo tudo da porta para fora (Marta, São Paulo das Missões, *online*, abr. 2023).

A entrevistada mantém contato frequente com a filha que trabalha na Alemanha e com parte da família que mora no Paraguai. Marta, ao retornar, teve uma mudança muito grande em sua vida e passou a ter um papel maior dentro da estrutura familiar, tendo iniciativa, buscando realizar seus sonhos com confiança e, ao mesmo tempo, sem descuidar de sua saúde.

Nos três relatos, podemos perceber o quanto estas três mulheres experienciaram intensamente a vivência em outro país, longe dos seus e dos seus lugares de origem. A volta, como a epígrafe deste singelo texto aponta, era o que elas desejavam. Para algumas, trouxe, de alguma forma, a primavera ou um recomeço no antigo lugar deixado antes da partida para o Paraguai. Com elas veio junto as lembranças das terras vermelhas, um dia novas para as mesmas, que caracterizam o país vizinho, que deixaram para traz ao regressar e tudo aquilo que fez parte do lugar deixado.

A memória das mulheres que como afirma Tedeschi (2014, p.56) “rema contra a maré, pois estão desprovidas muitas vezes de poder”. Ao falar estas mostram a complexidade deste fenômeno migratório que levou a emigração de uma expressiva população brasileira para o Paraguai. A generosidade de suas partilhas de lembranças e do chimarrão nos coloca no compromisso de, nos estudos com as mulheres migrantes, mostrar o papel, a agência e os desafios das mulheres dentro dos processos migratórios.

Considerações finais:

Conclui-se, com base na literatura, no trabalho de campo de observação e de entrevistas, que a emigração de paulistas das Missões ao Paraguai foi fruto de um contexto histórico em que havia uma dificuldade em permanecer na atividade agrícola nas pequenas propriedades, principalmente devido ao processo de modernização agrícola.

Ao mesmo tempo, a proximidade com a fronteira da Argentina e desta com o Paraguai levou à formação de redes familiares e sociais transnacionais, que possibilitou a emigração ao Paraguai e retorno ao Brasil. Além disso, facilitam o contato e integração constante eventos e festas como a Kerbfest, que acontece todos os anos no município.

Com relação às histórias de vida aqui analisadas, é necessário destacar o protagonismo das mulheres dentro dos processos migratórios, em especial, no retorno ao Brasil e São Paulo das Missões. Estas tomam a iniciativa, buscam uma vida melhor para si e para os seus, rompem e se libertam buscando uma vida nova. Também, as memórias de nossas entrevistadas sobre suas experiências migratórias e as nossas memórias a partir do trabalho de campo nos levam a compreender a importância dos estudos migratórios sobre mulheres migrantes.

Referências:

ALBUQUERQUE, José Lindomar Coelho. **Fronteiras em movimento e identidades nacionais: a imigração brasileira no Paraguai.** Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

ASSIS, Glaucia de Oliveira. Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional. **Estudos Feministas**, v. 15, n. 3, p.745-772, 2007.

BALLER, Leandro. **Fronteira e fronteiriços: a construção das relações sociais e culturais entre brasileiros e paraguaios (1954-2014).** Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2014.

BASSANEZI, Maria Sílvia. Migrações internacionais. Mulheres que vêm, mulheres que vão. *In*: PINSKI, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova História das mulheres no Brasil** (Orgs). São Paulo: Contexto, 2013, p.169 - 191.

COMISSÃO DE ESPORTE E SAÚDE. Observatório RS: de atividades físicas, esporte e saúde para idosos. Disponível em: <https://www.observatorio-rs.com/>. Acesso em: 27 de agosto de 2023.

KLEITON; KLEDIR. Vira Virou. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/kleiton-e-kledir/219077/>. Acesso em 01 de setembro de 2023.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; HOLANDA, Fabiola (Orgs.). **História Oral: Como fazer e como pensar.** São Paulo: Contexto, 2007.

PORTELLI, Alessandro. “El tiempo de mi vida”: Las funciones del tiempo em la historia oral” **Rev.Internacional Journal of Oral History**, vol. 2, núm. 3, noviembre 1981, pp. 162-180. (traducción de Victoria Schussheim).

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO DAS MISSÕES. História do Município. 2013. Disponível em: <https://www.saopaulodasmissoes.rs.gov.br/site/conteudos/174-historia-do-municipio>. Acesso em 22 de agosto de 2023.

RAMOS, Antônio Dari. A formação histórica dos municípios da região das Missões do Brasil. *In: RAMOS, Antônio Dari. Levantamento de Elementos do Patrimônio Turístico-Cultural da Região Missioneira*. Santo Ângelo: Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico; IPHAN; URI, 2006.

ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul I**. Porto Alegre: Globo, 1969.

ROMEU DE SOUZA, Thiago. **Lugar de Origem, Lugar de Retorno**: a construção dos territórios dos migrantes na Paraíba e São Paulo. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

SAQUET, Marcos Aurélio; MONDARDO, Marcos Leandro. A construção de territórios na migração por meio de redes de relações sociais. **Revista NERA**, v. 11, n.13, p. 118-127, jul./dez. 2008.

SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: EDUSP, 1998.

SAYAD, Abdelmalek. O retorno, elemento constitutivo do migrante. **TRAVESSIA - Revista do Migrante**, p. 1-36, jan. 2000.

SEGATO, Rita. **Las estructuras elementales de la violencia**: Ensayos sobre género entre la antropología, psicoanálisis y los derechos humanos. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2003.

SALES, Teresa. Migrações de fronteira entre o Brasil e os países do Mercosul. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 1, n. 13, p. 87-98, mar. 1996.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. Redes e território: reflexões sobre a migração. *In: DIAS, Leila Christina; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da (Orgs.). Redes, sociedades e territórios*. 3. ed. rev. e ampl. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2021. p. 53-80.

SPIES, Carla Cristine. A FESTA DA ALEGRIA EM SÃO PAULO DAS MISSÕES: PASSADO E PRESENTE. *In: Anais da I Jornada de História*, novembro de 2007 / Universidade Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI – Campus Santo Ângelo. – Santo Ângelo: FURI, 2007.

TEDESCHI, Losandro Antônio. Limites de gênero, limites do mundo: memórias de mulheres agricultoras e a luta por direitos sociais. *In: HISTÓRIA ORAL: Revista da Associação Brasileira de História Oral*, v. 12 n. 1-2, jan.- dez. 2009. – Rio de Janeiro: Associação Brasileira de História Oral.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **Alguns apontamentos sobre a história oral, gênero e história das mulheres**. Dourados-MS: UFGD, 2014.

TEDESCO, João Carlos. **Imigração no Sul do Brasil: Transnacionalismos, sociabilidades e desenvolvimento econômico**. Passo Fundo: Acervus, 2022.

ZAAR, Miriam Hermi. “O processo migratório no extremo oeste do Estado do Paraná/Brasil com a construção da Hidrelétrica Binacional de Itaipu”. **Scripta Nova**, n. 69, p. 1-20, 2000.